



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**SIMONE DA SILVA MARTINS**

**REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO  
CONTEXTO EDUCACIONAL**

**Cajazeiras – PB**

**2017**

**SIMONE DA SILVA MARTINS**

**REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO  
CONTEXTO EDUCACIONAL**

**Monografia apresentada ao Curso de Letras –  
Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade  
Acadêmica de Letras do Centro de Formação de  
Professores da Universidade Federal de Campina  
Grande.**

**Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro**

**Cajazeiras – PB**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

M575r Martins, Simone da Silva.  
Reflexões sobre identidade e representações sociais no contexto educacional / Simone da Silva Martins. - Cajazeiras, 2017.  
40f.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.  
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Professor. 2. Identidade profissional. 3. Sala de aula. 4. Representações sociais. I. Castro, Onireves Monteiro. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.011.3-051


SIMONE DA SILVA MARTINS

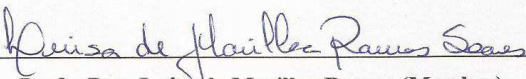
REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO  
CONTEXTO EDUCACIONAL

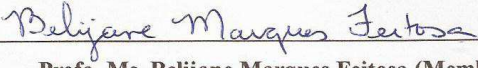
Monografia apresentada ao Curso de  
Letras – Licenciatura em Língua  
Portuguesa da Unidade Acadêmica de  
Letras do Centro de Formação de  
Professores da Universidade Federal de  
Campina Grande.

Aprovado em: 05/05/17

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro (Orientador)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

  
Profa. Dra. Luísa de Marillac Ramos (Membro)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

  
Profa. Ms. Belijane Marques Feitosa (Membro)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

**Ao meu bem maior, meu filho, José Henrique. A minha mãe, Maria das Graças, exemplo na minha vida. Obrigada por sempre acreditar em mim; A minha irmã, Cibele, que me acompanha em tudo, me dá força e segurança.**

## **AGRADECIMENTOS**

Mais uma etapa chega-se ao fim. Momento único e especial que não seria possível se não estivesse rodeada de pessoas especiais.

Os meus profundos agradecimentos àqueles que estiveram comigo durante todo esse processo:

Ao meu Deus, criador e soberano sobre todas as coisas;

Gratidão imensa ao meu orientador Onireves Monteiro de Castro, que, com empenho e dedicação, me orientou. Obrigada pelo seu carinho e compreensão nessa trajetória.

Um agradecimento à banca examinadora, professora Belijane Marques Feitosa, Luisa de Marillac Ramos Soares e Cristina Novikoff, pelo carinho e pelas contribuições na conclusão deste trabalho.

Um agradecimento a Erlane Aguiar Feitosa de Freitas, pela compreensão e auxílio na finalização deste trabalho;

Uma eterna gratidão aos professores do curso de Letras, os quais me proporcionaram um conhecimento para além da vida acadêmica.

**"Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo".**

**(Confúcio)**

## RESUMO

O presente trabalho possui como principal objetivo compreender a construção da identidade dos professores em sala de aula do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Ao considerar o nível acelerado das mudanças sociais, é perceptível que é no âmbito educacional, uma das primeiras instituições a sentir a diferença. Assim sendo, é possível perceber as dificuldades que os professores passam para definir e delimitar suas reais funções, causando desta forma uma “crise de identidade”. Sobre identidade, eixo norteador deste trabalho, pode-se afirmar que é construída na interação social e cultural dos sujeitos. Na busca desta compreensão, julgamos ser necessário enfatizar sobre as representações sociais dos professores, no intuito de entender até que ponto, a formação, a experiência, auxiliam na construção das representações. A pesquisa foi realizada através da abordagem autobiográfica em que o sujeito é o responsável pela elaboração e reconstrução de sua memória, narra acontecimentos a partir de uma demanda de observações e práticas, vivenciadas nos estágios supervisionados e como bolsistas do PIBID. Deste modo, esperamos contribuir na busca em compreender o universo docente, auxiliar e motivar profissionais em início de carreira, além dos professores que almejam melhorar sua prática.

**Palavras-chave:** Professor. Identidade Profissional. Representações Sociais.



## RESUMEN

El presente trabajo tiene como principal objetivo comprender la construcción de la identidad de los profesores que trabajan en la primaria y la secundaria. Al considerar el nivel acelerado de los cambios sociales, se torna perceptible que es en el ámbito educativo, una de las primeras instrucciones a sentir la diferencia. Por lo tanto, es posible percibir las dificultades que los profesores pasan para definir y delimitar sus reales funciones, causando entonces una "crisis de identidad". Sobre identidad, punto norteador de este trabajo, se puede afirmar que se construye en la interacción social y cultural de los sujetos. En la búsqueda de una comprensión, creemos en la necesidad de enfatizar acerca de las representaciones sociales de los profesores, para que se pueda entender hasta que punto la formación, la experiencia, auxilian en la construcción de las representaciones. La investigación ha sido realizada a través del abordaje autobiográfico en que el sujeto es el responsable por la elaboración y reconstrucción de su memoria, narra acontecimientos a partir de una demanda de observaciones y prácticas vivenciadas en el período de pasantía supervisada y como becarios del PIBID. De este modo, esperamos contribuir en la búsqueda de una comprensión del universo docente, auxiliar y motivar a profesionales en el inicio de la carrera, además de los profesores que desean mejorar su práctica.

**Palabras clave:** Profesor. Identidad Profesional. Representaciones Sociales.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
2.1 IDENTIDADE PROFISSIONAL .....	14
2.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR .....	18
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	28
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como foco de estudo compreender a identidade do professor e, considerar que o mesmo é um ser pensante e não neutro. Todo educador é um sujeito com inúmeras atribuições, isto é, informa, incentiva o raciocínio, aguça a curiosidade dos alunos e também é um eterno estudante, pois mesmo graduado, deve manter-se atualizado, por ser um agente discursivo, social e cultural. O professor é um mediador do conhecimento através dos conteúdos para que os indivíduos apreendam e sejam capazes de formar individualmente uma ideologia. Por isto, nosso tema é Reflexões sobre Identidade e Representações Sociais no Contexto Educacional.

As instituições que formam professores devem considerar a questão da formação da identidade como sendo indispensável, para que a atuação deles seja com competência. Assim, este trabalho teve como objetivo geral compreender a construção da identidade dos professores em sala de aula do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. E para compreendermos esta discussão, propomos como objetivos específicos, investigar questões identitárias e de representações sociais, no intuito de descobrir até que ponto se correlaciona, bem como refletir de que modo estes dois aspectos influenciam na prática docente.

A justificativa para a realização desta pesquisa se situa a partir de observações e inquietações ocorridas durante a formação das graduações de Pedagogia e de Letras. Tal escolha é marcada pela experiência vivenciada durante os estágios supervisionados. Na ocasião foi percebido que muitos dos professores que não apresentam uma metodologia definida, tem dificuldades em deixar claro quais são os seus referencias teóricos trabalhados em sala de aula.

Partindo desta premissa, a proposta central deste trabalho é tecer considerações relevantes de caráter bibliográfico no tocante à construção da identidade do professor, suas representações sociais e, de certo modo é do gênero memorial, por considerar a nossa própria inclusão no processo de formação profissional, numa perspectiva reflexiva para futuros professores. Todos estes levantamentos de dados estão ancorados nas discussões teóricas de Hall (2006), Lane (2006), Spink (1993), Soares (1991) dentre outros teóricos.

Quando falamos em identidade, nos referimos a uma construção social, pois não somos seres isolados, estamos constantemente em contato com o outro. A

identidade é multidimensional, ao mesmo tempo sincrética, ou seja, os indivíduos se relacionam entre diferentes grupos sociais, estabelecem relações de afinidade porque se identificam, bem como se diferenciam para se firmarem como sujeitos sociais.

Identidade em geral também é caracterizada como descontínua, sobre isto Hall (2006) enfatiza que são constantes as fragmentações e rupturas, isto é, não existe mais um centro único de poder, e sim uma pluralidade deles. Deste modo, consistem as diferentes identidades.

Nesta conjuntura de diferenças é que residem às representações sociais, construídas através dos distintos grupos sociais. A autora Spink (1993), destaca que as representações são fenômenos sociais que se manifestam em imagens, conceitos, categorias e são transmitidas por pessoas. As representações também se desenvolvem isoladamente, esta afirmativa nos remete a acreditar em uma sociedade pensante, na qual os sujeitos não são meros processadores de informações, tão pouco portadores de ideologia. Mas sim, ativos, sabem se posicionar diante das situações que lhes são postas no cotidiano.

Logo é perceptível que há relação entre a identidade e as representações sociais, pois uma é a expressão da outra. Sendo assim, o presente trabalho está organizado em três capítulos. No capítulo I, apresentaremos a introdução. Com relação ao capítulo II, mostraremos o referencial teórico que trata de uma pesquisa sobre a identidade profissional e as representações sociais dos professores. Já no capítulo III, trataremos da metodologia utilizada na pesquisa, que será autobiográfica, ou seja, consiste em um trabalho de investigação que se desenvolve a partir da interrelação entre o sujeito e suas experiências, na busca de formar um caminho para a reflexão, com relação aos significados atrelados à própria história narrada.

Por fim, traremos as considerações finais suscitadas por esta pesquisa, com a finalidade de demonstrar a relevância em debater sobre a identidade e as representações sociais do professor, pois trazem à tona discussões pertinentes para a formação.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A princípio, é necessário compreender identidade não apenas como dados pessoais inerentes a cada cidadão, mas sim, entendê-lo dentro de um contexto social, para isto, o primeiro passo é entender como sendo um conjunto de características próprias de cada indivíduo e, são justamente elas que diferenciam um ser do outro, é na percepção da existência do outro, que nos percebemos únicos, neste aspecto reside à identidade. A mesma é produzida através da consciência, de interações e estruturas sociais em que o sujeito está inserido. Logo, a identidade é proveniente do diálogo entre o ser humano e a sociedade.

Mas, a concepção de identidade aqui apresentada diz respeito aos constituintes identitários do profissional professor. Com base nisto, compreendemos que na conjuntura da educação, a constituição da identidade ocorre quando o indivíduo assume para si, atividades e papéis importantes, desta forma adquire identidade.

Diante destes aspectos, esta pesquisa está fundamentada em autores que de modo particular discorrem sobre este tema, com o objetivo claro em auxiliar futuras pesquisas. A princípio temos Hall (2006, p. 07, grifo do autor), o mesmo argumenta:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança [...].

Desta forma, o autor explica que o processo de transformações sociais é bem mais acelerado do que se possa imaginar, ou seja, abala os quadros de referência, antes tidos como estáveis hoje sem estabilidade devido a crescente aceleração social.

Contudo, a identidade profissional é um instrumento de promoção e ascensão do sujeito, não há como negar que é por meio dela que se caracteriza o profissional da educação, comprometido verdadeiramente com a prática docente.

Neste debate sobre a identidade profissional do professor, entram em questão as representações sociais dos mesmos, tendo em vista a interligação entre

ambos, pois ter uma identidade profissional implica reconhecer-se como um ser consciente de suas funções e as representações sociais nascem desta convicção de que somos funcionais e não vivemos isoladamente, num vazio social, precisamos dos outros para partilhar e nos servir de apoio.

As representações sociais são condicionadas e baseadas na inserção de cada sujeito, é por meio da visão de mundo que são expressas. Para Spink (1993, p. 305), “as representações sociais, sendo produzidas e apreendidas no contexto das comunicações sociais, são necessariamente estruturas dinâmicas.”

Por serem dinâmicas é também flexível, tal flexibilidade permite adentrar ao campo da psicologia social, pois antes de serem sociais, são coletivas, isto é, na interação entre os grupos sociais, se constitui as representações positivas e não-positivas. Assim, a psicologia social ganha espaço por tratar das relações pessoais e interpessoais dos sujeitos.

Finalizando este pequeno texto introdutório sobre o referencial teórico, que alicerça esta pesquisa, mostraremos no subtítulo seguinte a identidade profissional, na qual, enfatizaremos as representações sociais dos professores. Discussão esta pertinente para entendermos o processo de formação da identidade profissional do professor.

## **2.1 IDENTIDADE PROFISSIONAL**

Grandes estudiosos como Charaudeau & Maingueneau (2008), vem nos dizer que é difícil definir identidade, por ser central na maioria das ciências humanas e sociais, bem como, por ser objeto de várias definições. No senso comum, identidade é o que determina o caráter de um indivíduo. E, é neste sentido que buscaremos compreender a identidade profissional dos professores.

Para tanto, é importante notar que a sociedade como um todo vem sofrendo grandes mudanças em todos os âmbitos, no passado não muito distante, algumas concepções eram tidas como estáveis. Hoje devido à modernidade por meio das novas tecnologias, o nosso olhar mudou, percebemos a sociedade inserida dentro de um processo em constante movimento. Uma destas concepções é a identidade

profissional, aos poucos a identidade, principalmente a do professor, está em sendo construída.

Inúmeros são os fatores desencadeadores desta crise, podemos iniciar a discussão com o seguinte questionamento: Até que ponto cabe a nós educadores, mudar esta realidade no tocante a identidade do professor? Com certeza haverá divergência entre as respostas, uns colocarão a culpa no sistema educacional; outros atribuirão à culpa nas academias; já outro grupo dirá que é difícil manter uma identidade diante da realidade em sala de aula. O debate é polêmico, mas devemos considerar que esta problemática está sendo discutida a pouco tempo, assim sendo, não obteremos respostas em curto prazo. Hall (2006, p. 08-09, grifo do autor), enfatiza que:

As tendências são demasiadamente recentes e ambíguas. O próprio conceito com o qual estamos lidando, 'identidade', é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas.

Ao que parecem, identidades modernas estão em movimento devido às transformações sociais e culturas vivenciadas pela sociedade, desta forma reflete diretamente em cada indivíduo. Obviamente o resultado poderá vir de certa 'crise de identidade', ou seja, do questionamento: Quem eu sou? Desencadeando assim, uma crise existencial, porque o ser humano passa a agir sem situar-se no mundo, ou seja, não encontra sua identidade com relação a formação e função social. Este confronto interior torna-se fundamental para entendermos nossa própria identidade.

Falar de identidade é expor a individualidade de si mesmo, e, portanto devemos considerar as convicções, os costumes, o modo de ser e de agir diante da sociedade. Hall (Ibid., p. 10-11, grifo do autor), nesse ponto de apoio no momento, nos revela três concepções de identidade historicamente consideradas, a saber: i) sujeito do Iluminismo; ii) sujeito sociológico; iii) sujeito pós-moderno. A princípio o autor enfatiza o sujeito do Iluminismo, ressaltando que:

[...] estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo 'centro' consistia num núcleo

interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e como ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele - ao longo da existência do indivíduo.

A supracitada concepção trata o indivíduo como sendo totalmente individualista, centrado em si mesmo. Com relação a concepção do sujeito sociológico, revela que:

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura- dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p. 10-11, grifo do autor).

Nesta discussão o sujeito passa a ser parte integrante da sociedade, que interage com o outro diretamente, já não é mais individualista, pois precisa do auxílio do outro.

Para Hall (2006), a mudança de comportamento, que faz a diferença no sujeito, passa do estágio de individual para o coletivo. E, é nesta transição que nasce a concepção do sujeito pós-moderno, vejamos:

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Ibid., p.12-13, grifo do autor).

Reconhecido por não ter identidade definida, não assume uma postura estável, mas adéqua a diferentes situações. Está sempre se deslocando.

Este conceito é de suma importância para compreendermos que não existe uma identidade pré-definida para cada sujeito, mas sim, uma identidade interior capaz de ser construída dependendo do momento e da cultura em que estejamos inseridos.

É comum nos depararmos com professores pouco qualificados no tocante aos aspectos teóricos, este profissional se deixa influenciar por teorias da moda, que na maioria das vezes não a compreendem em sua amplitude, sendo descartadas rapidamente, tudo isto para receber aceitação em determinado “grupo”. Este perfil de professor impossibilita ter embasamento teórico que possa sustentar a sua



prática pouco qualificada, pois o mesmo tende a seguir uma tendência passageira. A consequência é uma identidade com lacunas, alienada e o profissional deixar-se influenciar facilmente.

Quando falamos em professores pouco qualificados, automaticamente estamos estabelecendo uma relação entre educação, trabalho e desenvolvimento. Para esclarecer esta relação, nos embasamos nos estudos de Romão (2001), no texto “Saberes necessários à educação no século XXI”, apresenta em se tratando do sujeito individual, distintas considerações sobre trabalho, formação e competência. Este tripé se fortalece diante do discurso para firmar que é preciso o indivíduo ter uma formação e uma qualificação, isto é condição base para alimentar o capitalismo e o progresso.

Romão (2001 apud CASTRO, 2009) ressalta que onde há possibilidade de discurso entre educação e trabalho, devem-se considerar quatro teses, a saber: i) Desqualificação – produzida pelo sistema capitalista organizado, que detêm o poder das informações e das tecnologias, preferem a máquina automática, ao invés do trabalho humano. ii) Requalificação – atribui novas funções entre educação e produção, no tocante a novas tecnologias. iii) Polarização das qualificações – as opiniões se divergem, quando o trabalho humano é substituído pela máquina, ou seja, apenas um número pequeno de trabalhadores exerce a função. iiiii) Qualificação absoluta e desqualificação relativa – no tocante a força de trabalho, a primeira se eleva, enquanto a segunda se rebaixa.

Tais teses elencadas por Romão (2001) nos leva a refletir que cada vez mais o mercado de trabalho exige do profissional de educação qualificações, para atender a todos os alunos. Nesta discussão vale ressaltar, o processo de qualificação e de formação tem representações positivas e não positivas, ou seja, o professor de início conclui uma graduação, logo após, ou pelo menos deveria ser, este professor ingressa em uma pós-graduação para atender a sociedade, que consequentemente exige um trabalho qualificado. No entanto, com o passar do tempo, e não demora muito, o sistema capitalista exige outra capacitação, as cursadas anteriormente já não são suficientes para atender a demanda vigente. A partir disto o professor começa a colecionar títulos. Porém, a grande questão é todo este percurso vivenciado pelo professor, na maioria dos casos, não são percorridos por livre e espontânea vontade, mas sim, para enquadrar-se no mercado de trabalho, que quer a qualquer custo, segundo Romão (2001), uma qualificação

profissional e, é justamente neste aspecto onde reside docentes insatisfeitos com a profissão, pois não são valorizados como gostariam de ser.

Assim sendo, a construção da identidade do professor se constrói no dia a dia da profissão, mediante as suas qualificações profissionais, com isto cada professor deve buscar sua própria identidade. Assim sendo, trataremos a seguir das representações sociais do professor, o mesmo nos norteará na compreensão de que um educador com identidade profissional depende das representações que o cerca.

## **2.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR**

Representação é tudo aquilo que aprendemos por meio dos sentidos, da imaginação, da memória, ou seja, é a exteriorização do que pensamos. Neste sentido e para melhor compreendermos, Spink (1995, p. 7-8, grifo do autor), nos auxilia nesta pesquisa enfatizando:

[...] 'representação', na perspectiva lingüística, é tanto re-apresentação – e, portanto, cópia fiel da realidade – como interpretação. [...] O estudo das representações define, assim, um cenário interdisciplinar; contudo, como as diferentes disciplinas matem suas especificidades [...].

Os estudos dos autores Charaudeau & Maingueneau (2008) também foram relevantes para esta definição, enfatizam que a denominação surgiu na sociologia, introduzida por Durkheim (1898), com várias interpretações, dentre elas, a ligação estreita entre significação, realidade e imagem. As representações não se limitam apenas ao campo sociológico e filosófico, este por sua vez, discute a realidade inerente a cada indivíduo e o mundo real que o cerca, mas se estende a outras áreas afins, focalizam as representações como objeto central de estudo.

Bem como, envolve a comunicação e a compreensão, dentro de um contexto social, no qual estamos inseridos. Sobre isto Spink (1993, p. 300) esclarece da seguinte forma:

São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos - imagens, conceitos, categorias, teorias -, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaborados e compartilhados, contribuem para a construção de uma

realidade comum, que possibilita a comunicação. [...] fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção.

Isto implica em considerarmos que a construção das representações não se limita apenas nos aspectos cognitivos, embora sejam importantes, mas sim, compreender do ponto de vista transdisciplinar, por suscitar interesse em outras ciências humanas e não apenas na psicologia social. É o nosso caso.

Além disto, as representações sociais são ferramentas de conhecimento, pois é a representação concreta de tudo aquilo que pensamos, tendo como efeito a representatividade por meio de imagens que nos cercam e de comportamentos que observamos que interiorizamos e construímos em nossa mente uma representação, e, ao exteriorizá-la estamos interpretando. A função professor é uma referência fenomenológica para a condução de sua representação no processo do ensino e da aprendizagem escolar. Assim formamos as representações e, conseqüentemente a identidade. Como bem enfatiza Wittgenstein (1953 apud SPINK, 1993, p. 303), “[...] somos atores sociais engajados na construção de identidades funcionais que nos permitem negociar as relações sociais.”

Assim sendo, utilizamos as representações na construção de um sujeito contextualizado socialmente.

Spink (Ibid., p. 304) apresenta dois aspectos importantes para a compreensão das representações, a saber:

[...] o posicionamento sobre a relação indivíduo – sociedade, que foge tanto ao determinismo social – onde o homem é produto da sociedade – quanto ao voluntarismo puro, que vê o sujeito como livre agente. Busca um posicionamento mais integrador que, embora situando o homem ao processo histórico, abre lugar para as forças criativas da subjetividade. [...] ao abrir espaço para a subjetividade traz para o centro da discussão a questão do afeto: as representações não são, assim, meras expressões cognitivas; são permeadas, também, pelo afeto.

O primeiro aspecto privilegia o subjetivismo, ou seja, considera o homem como individual, um ser único, capaz de formar suas próprias representações. Quanto ao segundo aspecto, enfatiza o afeto, mostra, contudo que o homem não se baseia apenas no conhecimento, mas também nas relações com os outros.

Segundo a autora, as representações sociais são responsáveis por nos situar no mundo, definindo deste modo nossa identidade social, bem como são valorativas antes de serem conceituais; e respondem a ordens morais locais, estão orientadas para o mundo social, fazendo e dando sentido às práticas sociais. Cada indivíduo tem em seu interior representações advindas do meio social em que estão inseridos.

A sociedade é dinâmica, as informações são veiculadas a cada segundo, e dentro dela está a escola, na ânsia por dias melhores, na espera urgente de uma reforma educacional, no tocante ao ensino e aprendizagem, e o professor está no centro desta discussão, por ser um agente reflexivo e crítico, por isso sua identidade deve ser definida ou, ao menos trilhar os caminhos a seguir para que possa transmitir de modo satisfatório, o conhecimento.

Logo, falar em identidade é mergulhar em ideologias e descobrir a própria identidade não é uma questão apenas de entrar em conflito consigo mesmo, mas é deparar-se com o outro e com o mundo. A identidade é um processo que se move, nunca estará pronto, tão pouco é herdada, surge dentro de cada um com suas limitações. É capaz de se reinventar dentro das relações sociais e, jamais age sozinha, é preciso sempre da interação com grupos culturais para se firmar.

Desta forma, ao direcionar nosso olhar para a identidade dos professores, seremos levados a observar quais as representações sociais do ser professor, uma vez que são formadores de opinião.

E, há dois fatores fundamentais que não podem ser esquecidos, dentro da problemática para entendermos qual a identidade dos professores que estão em sala de aula. A princípio é a formação acadêmica, o outro é a formação continuada. São pontos relevantes para questionarmos, pois é na formação que o professor recebe aporte teórico para ensinar, e, é justamente este período determinante para se firmar a postura do professor em sala de aula, ou pelo menos deveria ser. O professor deve ser um eterno pesquisador, incansável na busca de novas metodologias para levar para a sala de aula, no entanto é indispensável à formação continuada. Com base em observações cotidianas, percebemos que a grande maioria dos educadores não leva a sério a profissão, não inovam, continuam com os paradigmas tradicionalistas. Isto é reflexo do meio em que vivem, das representações que tomam para si. Esta compreensão caminha na direção do conceito de Lopes e Bastos (2002, p. 321), quando diz:

As representações do agente sobre seu saber, seu saber fazer e seu poder para agir são sempre construídas dentro de contextos sócio-históricos e culturais e relacionadas a questões políticas, ideológicas e teóricas e, portanto, a valores e verdades que determinam quem detém o poder de falar em nome de quem, quais são os discursos valorizados e a que interesses servem.

Toda e qualquer ideologia nasce das representações e significações sociais, a escola passa ser a ponte para tais significações, a partir do seu modo de organização e de agir diante dos desafios.

Ao verificarmos estatísticas no âmbito da educação, constatamos o crescente número que comprovam que o professor sofre fortes influências externas que dificultam o trabalho docente, bem como, a indisciplina em sala de aula; condições precárias para o exercício da função; baixa remuneração. Fatores estes fortemente influenciados pelas transformações sociais, econômicas e políticas. O professor deve ter consciência destas mudanças, para que possa reorganizar a sua prática.

É preciso ter um novo olhar sobre o desenvolvimento do trabalho docente, em se tratando de sua atuação e formação, para assim compreender a profissionalização docente. Para tanto, é importante entender o que é ser professor, qual é a sua função docente dentro da sala de aula e, por fim, a pergunta que não quer calar: O que são representações sociais do ser professor para o professor, inserido numa sociedade de desvalorização da profissão, no tocante a precariedade e a desprofissionalização.

A profissão docente deve ser uma das mais respeitadas, por ter grande autonomia na sala de aula, com relação à tomada de decisões. Desde que também, a sua prática não se restrinja apenas a sua sobrevivência, ou seja, trabalhar somente pelo salário, sem refletir sobre sua produção. Mesmo com toda dificuldade posta, o trabalho deve ser realizado com responsabilidade, porque os alunos são seres humanos que precisam de uma formação consciente, pois os mesmos chegam à escola com uma bagagem de conhecimento, advindas do acelerado avanço tecnológico, por isto é fundamental o professor estar sempre em formação.

Logo, entender a identidade dos profissionais da educação é deparar-se com o currículo, muitas das vezes fragmentado. O currículo da escola é a própria cultura, bem como os valores de uma sociedade, modificá-lo implica reorganizar as ideias, os valores e costumes. É um espaço de representações acerca do social, do

político e do pedagógico, qualquer alteração que estes segmentos sofram, transforma a identidade dos profissionais.

Ainda assim, concebe-se o profissional docente como o detentor do conhecimento, mas na visão dos autores, é importante frisar o seguinte:

[...] novas e mais complexas formas estão tendo lugar, para englobar outros saberes, tais como o conhecimento de teorias de ensino-aprendizagem e sua estreita relação com métodos de ensino [...] Dominar essas questões significa introduzir novas compreensões do currículo, de identidade do profissional docente e, portanto, da cultura escolar, uma vez que o comportamento dos professores é motivado por um complexo conjunto de representações que envolvem valores, interesses, ideologias e questões da estrutura escolar. (LOPES & BASTOS, 2002, p. 323).

Tudo isto impulsiona para uma prática reflexiva e flexiva, leva o educador a uma compreensão ampla.

A compreensão das representações sociais e ideológicas fica a encargo da visão e da palavra do outro, é o primeiro passo para firmar a identidade no mundo. Não existe alicerce em um caminho trilhado sozinho, sempre terão que haver a interação de outrem, é uma necessidade humana as relações pessoais e interpessoais. Como bem explicita Bakhtin:

[...] pois ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio. É com o olhar do outro que me comunico com o meu interior. Tudo o que diz respeito a mim chega à minha consciência através do olhar e da palavra do outro, ou seja, o despertar da minha consciência se realiza na interação com a consciência alheia. (BAKHTIN, 1985 apud LOPES & BASTOS, 2002, p. 394).

Contudo, reafirmamos a convicção de que o professor não executa o seu ofício isoladamente, mas sim com base em suas estratégias e com a ajuda do outro, por exemplo, os alunos e os sujeitos pertencentes à escola, é que se concretiza o ensino. Logo, Bakhtin (Ibid., p. 395) completa dizendo: “[...] do mesmo modo que minha visão precisa do outro para eu me ver e me completar, minha palavra precisa do outro para significar”. O professor é espelho para muitos e principalmente para os alunos, está na condição de educador é desafiador, não é tarefa fácil planejar aulas com poucos recursos que a escola dispõe, ao mesmo tempo, atender a demanda que a sociedade contemporânea nos impõe, a de que devemos estar conectados

com a tecnologia, caso contrário ficaremos pra trás, e o impressionante são os alunos em muitas das vezes entender de multimídias bem mais que o professor.

Ao considerar o cotidiano dos docentes, como sendo construtores das representações sociais, a referida teoria possibilita a interpretação e a compreensão dos elementos e dos fenômenos constituintes da prática social, herdadas da relação que os sujeitos estabelecem com os objetos que os cercam. Deste modo, se faz necessário o estudo da psicologia social, uma vez que é um estudo preocupado com o comportamento social, isto é, da forma como as pessoas pensam, influenciam e se relacionam umas com as outras, assunto este pertinente para compreendermos a função social e o papel do professor dentro da sala de aula.

Nesta perspectiva e na busca de compreender da melhor forma possível, ao mesmo tempo em que acreditamos ser a psicologia social o alicerce das representações sociais, que adentramos neste estudo.

A princípio, psicologia social é uma ciência que se preocupa com o comportamento dos indivíduos quando estão interagindo, assim sendo, os autores Charaudeau & Maingueneau (2008), nomeiam como sendo um conjunto de comportamentos vivenciados em sociedade, que envolve as ações e os valores de cada sujeito.

Quando se busca alternativas para compreender a identidade dos profissionais da educação, é preciso adentrar no universo do comportamento humano, por meio da psicologia social, tendo como princípio norteador questionar quando o comportamento se torna social. Assim sendo, devemos considerar cada ser humano como único, com suas características próprias. A autora Lane (2006, p. 08) enfatiza que:

A Psicologia se preocupa fundamentalmente com os comportamentos que individualizam o ser humano, porém, ao mesmo tempo, procura leis gerais que, a partir das características da espécie, dentro de determinadas condições ambientais, prevêm os comportamentos decorrentes [...] a aprendizagem é consequência de reforços e/ou punições [...] sempre que um comportamento for reforçado [...] em situações semelhantes é provável que ele ocorra novamente.

A autora esclarece o objetivo de estudo da psicologia social é investigar o comportamento dos sujeitos baseado em influências sociais desde o nascimento. É

uma questão histórica social, por envolver a aquisição da linguagem desenvolvida por um grupo social, que determina uma visão de mundo e um sistema de valores.

A concepção de mundo que cada ser humano desenvolve, é marcado por influências sociais, todo comportamento exercido por um sujeito, seja de sentimentos ou ações, envolve componentes sociais. É importante destacar que o mundo está em constante movimento, portanto a sociedade transforma-se a cada dia. Com este dado a autora ressalta:

[...] a grande preocupação atual da Psicologia Social é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas principalmente, como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive. (LANE, 2006, p. 10).

Este ponto é fundamental para esclarecer até que ponto as influências são percebidas pelos grupos dos quais pertencemos, e como nós determinamos a nossa identidade social.

Todo ser racional necessita desde o nascimento, do auxílio do outro, e, ao longo de sua existência fará parte de muitos grupos sociais. Logo, a sua inserção em um contexto histórico é imediata, mesmo o indivíduo na condição de criança, segue um modelo de regras que a sociedade impõe. Cada grupo social determina regras que mediam as relações entre as pessoas, algumas são sutis, restritas ou rígidas. E são elas quem caracteriza os papéis sociais, determinando assim, as relações entre os indivíduos, assim sendo, a autora completa dizendo:

O viver em grupos permite o confronto entre as pessoas e cada um vai construindo o seu 'eu' neste processo de interação, através de constatações de diferenças e semelhanças entre nós e os outros. É neste processo que desenvolvemos a individualidade, a nossa identidade social e a consciência-de-si-mesmo. (Ibid., p.16, grifo do autor).

É na convivência com o outro que determinamos quem somos, construímos a nossa própria identidade com base em influências nos grupos dos quais estamos inseridos.

Um dos fatores que nos distingue dos diversos grupos sociais é a linguagem, por ser a responsável em mediar à comunicação, e não existe isoladamente, sempre necessita de no mínimo um sujeito para se desenvolver. Mas,



não foi sempre assim, nos tempos primitivos os grupos sociais relacionavam a palavra com o objeto, gerava assim, significações simples. Nos dias atuais a linguagem é mais complexa em decorrência das mudanças que a sociedade vem sofrendo ao longo dos anos.

Outro fator característico de distinção do humano é o instrumento da linguagem, ou seja, o ato de escrever, fator este que concretiza fala. Se no princípio tínhamos objeto versus significado, hoje somos conhecedores do avanço, logo temos manual versus intelectual. Isto implica dizer que somos seres fazedores, pensadores e falantes.

A linguagem é a mediadora que nos aproxima do mundo, determinando desta forma, nossas representações sociais e, juntamente com o grupo social onde estamos inseridos, descrevemos, explicamos e acreditamos na realidade que nos é apresentada. Para confirmar, a autora destaca:

[...] a linguagem existe como produto social, e é através das relações com os outros que elaboramos nossas representações do que é o mundo [...] a representação implica na ação, na experiência com um objeto ou situação e nos significados atribuídos a ela pelas pessoas com que nos relacionamos, ou seja, a representação é o sentido pessoal que atribuímos aos significados elaborados socialmente. (LANE, 2006, p. 34).

Falar sobre comportamento humano, linguagem e representações sociais, somente faz sentido quando destacamos duas instituições fundamentais: a família e a escola. É importante enfatizar, que ambas são referência na construção de um cidadão. A princípio a família é o primeiro grupo social, o qual nos garante a sobrevivência, porém este não é o seu único papel, mas sim o de orientar o indivíduo, como uma espécie de preparação para viver em sociedade, bem como obedecer a normas e regras. Ainda é muito comum a existência de famílias tradicionais, que prezam pela hierarquia de poder. Toda esta formalidade é para transmitir para os filhos autoridade que se faz necessário na reprodução das relações sociais. Portanto a autora esclarece:

A instituição familiar é, em qualquer sociedade moderna, regida por leis, normas e costumes que definem direitos e deveres dos seus membros e, portanto, os papéis de marido e mulher, de pai, mãe e filhos deverão reproduzir as relações de poder da sociedade em que vivem. (Ibid., p. 40).

Dentro deste contexto percebemos o quanto o machismo está impregnado na sociedade, são facilmente identificadas características peculiares aos homens e as mulheres. Ainda nos primeiros anos de vida, isto é na socialização primária, a criança recebe uma educação diferenciada do seu sexo oposto. Segundo a autora este processo é semelhante ao da análise da linguagem como ferramenta de poder, apenas acrescentando neste, o componente emocional afetivo. Mas, esta constatação não é definitiva, pois será confrontado no processo de socialização secundária, momento este de escolarização, onde o jovem começa a questionar antigos conceitos, passando a ter assim outra percepção de mundo que o cerca.

A família e a escola são institucionalizadas, no sentido de serem norteadores de princípios, valores, direitos e deveres. A distinção ocorre nas relações sociais, a primeira é responsável pela autoridade, enquanto a segunda encarrega-se do individualismo e da competição. Trabalhar estes três elementos é fundamental no exercício da construção da identidade, pois o ser humano não se constitui sozinho, mas é justamente em contato com o outro que o fará refletir e formar a sua própria identidade.

E neste contexto entram em pauta as afinidades, é muito comum presenciar diferentes grupos dentro da escola, automaticamente assim o fazem, por existir as classes dominantes, um sempre irá sobressair mais que o outro, ou seja, na grande maioria dos casos, em cada grupo o líder é quem fala em nome dos demais. Nestas situações se formam as ideologias, tanto para quem lidera, como para os liderados.

Assim sendo, família e escola devem caminhar juntas, com o objetivo de formar um cidadão crítico, reflexivo, que esteja sempre disposto a mudar positivamente a realidade a sua volta, porque a ideologia se concretiza nos comportamentos e nas ações dos indivíduos.

Contudo, é muito importante os profissionais da educação terem consciência de quais são suas reais competências e de como tais competências são relevantes dentro do processo educacional que ocupam. Somente desta forma serão capazes de desenvolver um trabalho coerente dentro da complexidade do contexto escolar.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia faz parte da pesquisa por constituir o caminho que será percorrido pelo investigador com o intuito de responder ou atender aos objetivos propostos. O objetivo da metodologia é contribuir para que a pesquisa seja realizada com fundamentos teóricos coerentes com a pesquisa. Em se tratando da construção do processo da pesquisa, concordamos com Minayo (2000, p. 34) quando enfatiza:

Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que não prescinde da criatividade, realiza-se fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que é construída com um ritmo próprio e particular. A este ritmo denomina-se ciclo da pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações [...].

Desta forma, trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo de natureza qualitativa na categoria de relato autobiográfico, ou seja, relato de experiência a partir de observações e práticas, vivenciadas nos estágios supervisionados e como bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). Dois foram os motivos que desencadearam esta metodologia. A princípio observar como a identidade profissional reflete diretamente na sala de aula, bem como, as representações sociais dos professores, ambas fundamentais no processo educacional. A identidade do professor é construída com base na significação social da profissão, bem como, da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que são significativas. Quanto às representações são tidas como mediadas pela linguagem e a apreensão dessas representações se concretizam a partir dos discursos que as corporificam.

Contudo, optamos por uma metodologia que permitisse ao estudante falar de si e de suas experiências com relação à sala de aula. Sobre isto o autor Dias (2008, p. 28) ressalta: “[...] quando entendemos que a abordagem (auto) biográfica é uma metodologia pertinente tanto ao objeto desta pesquisa quanto aos pressupostos teóricos que a sustentam.”

É importante este tipo de pesquisa, pois posteriormente pode vir a auxiliar futuros estudantes, que necessitem de orientações na compreensão da prática do

professor. Segundo a estudiosa Minayo (2000), as técnicas de observação são muito úteis para descobrir novos aspectos de determinados problemas. Por permitir coletar dados em situações em que é impossível em outras formas de comunicação.

Foram realizadas pesquisas teóricas em livros, sobre autores que desenvolvem estudos pertinentes à formação da identidade do professor e suas respectivas representações sociais. Muitas foram às contribuições que nos fez compreender e alicerçar nossos objetivos aos quais nos propusemos a alcançar.

### 3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

“Pedem-me um memorial: devo contar o que fui, o que foi; explicar o passado. Mas, antes de explicar o passado, é preciso explicar o presente, este presente...”.

(Magda Soares)

É envolvida nas palavras de Soares (1991), com a ideia de que é através do presente que se explica o passado, que inicio este relato de experiência. Tomo de empréstimo as palavras da autora, para enfatizar que estar atualmente no último período de Letras – Português é fruto de um passado de escolhas, de renúncias. Escolhas, porque considero as Letras um curso importantíssimo para compreender a linguagem e seus sentidos em sua totalidade. Enquanto as renúncias estão relacionadas a não atuação no campo da Pedagogia, embora a considere relevante e fundamental no ensino das séries iniciais. A preferência pelo curso de Letras surgiu pela curiosidade de conhecer as metodologias, as teorias e experiências no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Acredito que para um acadêmico de Letras se tornar um bom professor de língua portuguesa, precisa do conhecimento teórico e de uma boa iniciação ao exercício da prática docente. Por isso, enfatizo neste texto os relatos vivenciados em salas de aulas, tanto de observações como de prática, experiência esta enriquecedora durante o seguimento do curso que conseqüentemente me serviu de base para o exercício da profissão futura. Para esta discussão ancoro-me nos estudos de Soares (1991), por falar de forma clara e concisa sobre seus próprios relatos.

O objetivo deste relato de experiência é servir como exemplo para os futuros professores as experiências adquiridas durante o percurso nas academias, isto é, nos cursos de Pedagogia e de Letras, neste último curso, compartilhar da experiência como bolsista do PIBID.

A opção pela vida universitária surgiu para atender a demanda do mercado de trabalho, que estar cada vez mais exigente. O primeiro vestibular submetido foi para uma universidade pública, mas não logrei êxito. No ano seguinte para uma faculdade privada, nesta obtive aprovação para o curso de Pedagogia. No mesmo ano iniciei os estudos, com grandes expectativas, no entanto deparo-me com uma linguagem totalmente nova, conseqüentemente causou-me algumas dificuldades. Mas, como bem ressalta Soares (1991, p. 23): "... a opção pela vida universitária implica aceitação das regras do jogo. Como toda e qualquer instituição social, a universidade se organiza e se estrutura segundo certos critérios e certas normas." O aluno é quem deve adequar-se a instituição formadora de profissionais, levá-la a sério é preciso.

Contudo, a experiência foi boa, aprendi bastante, alimentei muitas expectativas com relação ao curso, a ideia de trabalhar com o lúdico me chamava a atenção, mas apenas durante o estágio, numa sala de segundo ano do Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino, que me percebi perdida, sem identidade. Notei que não me identificava com as Séries Iniciais, mesmo assim, conclui o curso e de certa forma com uma bagagem teórica que, muito me auxiliou nos dias atuais.

Não satisfeita apenas com a graduação e na expectativa de trabalhar na área. Após quatro anos, inicio uma pós-graduação em Psicopedagogia em uma faculdade também particular; a grade curricular muito atrativa e, de fato, as disciplinas foram muito boas, por serem específicas e englobar as dificuldades de aprendizagem. Enfim, conclui mais um curso, mas a inquietação ainda fazia parte de mim, não estava satisfeita até então. Para o mercado de trabalho estaria sendo o primeiro passo, porém não era o suficiente.

Desejava conhecer outra área, a ideia de ter estudado em faculdades particulares não me agradava, ouvi muito o discurso de que existia diferença entre professores de universidades públicas e privadas, ou seja, os professores de instituições privadas exigiam mais que os outros da rede pública, tais discursos se

justificavam da seguinte forma: “os professores das universidades públicas são efetivos, tanto faz o aluno fazer as atividades ou não, o salário deles estará garantido no final do mês, ao contrário dos outros, que se o aluno não passar a culpa é do professor que não deu aula, ficando sujeito até em perder o emprego”. Esta é uma realidade lamentável.

Este discurso existe e somente vivenciando experiências dos dois lados pra perceber que a realidade é outra. Professores “rígidos” existem em ambas as instituições, bem como existem aqueles que pouco importa se o aluno aprende ou não, esta afirmativa aplica-se também às escolas, ninguém está isento de encontrar em seu caminho professores comprometidos com a educação e com a aprendizagem dos alunos; em contrapartida se deparar com outros profissionais que faz pouco caso da educação.

. No ano seguinte fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), até então na intenção de medir apenas os conhecimentos, considerando que fazia muito tempo da conclusão do ensino médio, bem como, o desejo de mostrar a mim mesma que seria capaz de passar para uma universidade pública. Fiz a prova, alguns meses depois, obtive o resultado acompanhado com grande surpresa, notas excelentes em todas as disciplinas, principalmente na redação. Após alguns dias, escrevi-me para concorrer às vagas do curso de Letras na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Como resultado, fui aprovada em sétimo lugar. Fiquei muito feliz, porque iria ter a oportunidade de vivenciar uma nova experiência, desta vez com outras séries e numa outra perspectiva, bem como a satisfação em estudar numa universidade pública e gratuita.

É justamente neste novo curso, onde começo a mudar algumas concepções com relação à sala de aula, percebi que havia um leque de possibilidades em se trabalhar a língua, até então desconhecida. Imediatamente passo a gostar do curso e ter afinidade com as disciplinas pela forma de como a linguagem e seus sentidos são tratados.

A cada disciplina estudada, a cada semestre concluído, em meio a apostilas, livros e debates, um novo aprendizado. Nesta ocasião destaco que não foi fácil nenhum dos cursos, muitas dificuldades surgiram, mas nunca desanimei, a ponto de pensar em desistir, muito pelo contrário, a vontade de concluir era e, é maior do que qualquer outro pensamento negativo. O importante na vida é ter uma

meta e seguir em frente. A autora Soares (1991, p. 28) foi feliz ao dizer: “vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco, representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça”. Desta forma faço, sigo em frente, com objetivos claros de concluir o curso, e no futuro bem próximo, que será presente, irei olhar pra trás e ver que valeu a pena cada esforço.

A trajetória na universidade está sendo bastante participativa, não sou apenas uma aluna da graduação simplesmente, fui e sou engajada em projetos, dentre eles o PIBID, que tem como objetivo acompanhar os alunos e colocar em prática o que se estuda na faculdade, vivenciar a rotina de preparação de plano de aula, preparação de provas, correção de trabalhos sempre com o acompanhamento da professora supervisora. Ou seja, o bolsista é colocado em situação real de prática docente o que é muito importante na formação enquanto acadêmica de licenciatura. É um projeto que visa promover a iniciação à docência dos futuros professores dos cursos de licenciatura para que estes possam atuar no âmbito da Educação Básica e no Ensino Médio da rede pública. A intenção é melhorar a formação desse professor e contribuir no desenvolvimento dos alunos das escolas contempladas com o projeto. Após a conclusão de dois semestres, participei da seleção e obtive êxito pra ser bolsista do referido programa.

A princípio fiz observações numa sala de sexto ano do Ensino Fundamental II, de uma escola da rede estadual de ensino. As primeiras impressões obtidas com relação ao professor e aos alunos foi a de que o educador não utilizava uma metodologia que atendesse as necessidades dos alunos, isto é, as aulas não eram dinâmicas a ponto de envolver os discentes nas atividades, percebia-se claramente que não havia planejamento, ao mesmo tempo imaginei estar tirando conclusões precipitadas, com isto preferi manter-me otimista para as próximas aulas. Eis que o feito tornou a repetir e a cada aula a inquietação aumentava e questionava-me da seguinte forma: Por que as teorias que estudamos na academia não são colocadas em prática? Será que o professor ao chegar à sala de aula prefere o cômodo, ou seja, o que está posto no livro didático, reduzindo-se apenas a isto e não busca inovar com novas atividades? Passei o período das observações com estas interrogações e pude concluir que esta última, é a mais apropriada diante do que presenciei.

Na universidade estudamos teorias, didáticas, metodologias, que não são colocadas em prática, porque para muitos professores o novo assusta, dá trabalho. Então, o conveniente é o tradicional e o fácil, por ser cômodo, relatam que os alunos não querem nada, não aprendem, por isso não elaboram aulas diferentes para não perderem tempo. Este é um dos discursos que circulam nos corredores das escolas públicas, mesmo lugar onde o governo insiste em dizer que acontece uma educação de qualidade. Fazem o discurso sobre a ideologia, não fazem o discurso da ideologia. Sobre isto concordo plenamente com Soares (1991, p. 49), ao dizer que:

[...] procuro o discurso da ideologia: que a minha experiência fale de si para poder compreender-se; não busco conhecer o que passou, mas pensar o que passou, elevar a experiência passada à sua inteligibilidade; que idéias (*sic*) dominantes, interiorizadas, estava eu pensando, em cada momento passado, sem percebê-las?

Não estou aqui tentando justificar o passado, tampouco construir uma teoria do que vivi, bem como não é uma simples narração da prática, mas sobretudo trata-se de uma exposição dialética entre teoria e prática, somente assim poderei compreender o que presenciei.

Após o período de observação, veio a prática, o desenvolvimento do PIBID acontecia em duplas e, dávamos duas aulas por semana. De fato é nítido que existem alunos desmotivados, frequentam a escola porque são obrigados, mas existe um grande número de alunos que participam. É perceptível no olhar destes a ânsia em aprender e depositam muitas expectativas nos professores e, foi com estes dois grupos distintos de alunos, que desenvolvi a metodologia proposta pelo programa.

Neste momento, considero importante fazer uma retrospectiva e lembrar o estágio na Educação Infantil durante o percurso do curso de Pedagogia. Muitos anos se passaram e as necessidades dos alunos continuam as mesmas, ou seja, segundo o senso comum, o educador é o principal indivíduo que pode mudar esta realidade. Ano após ano, vários cursos de formação continuada são ofertados, alguns professores são pós-graduados, em outros casos são mestres. Mas, muitos deles, não utilizam o conhecimento adquirido como instrumento de mudança. Analiso esta questão da seguinte forma, muitos educadores não construíram ao longo do seu percurso de estudos, a sua identidade profissional, se deixaram guiar



por modismos, ou seja, não definiram uma linha de pesquisa que pudessem ter como âncora, e sim preferiram seguir as tendências de modo, geralmente passageiras, não enraizaram.

É interessante notar a forma como o comportamento é repetitivo em todos os níveis da educação, desde os Anos Iniciais se estendendo ao Ensino Médio. Posso afirmar, pois tive a experiência com todos estes níveis. E a convicção que tenho, é de que necessitam mudar a postura, definir objetivos e buscar concretizá-los.

Mas, ainda sobre o PIBID, devo admitir que as condições das escolas públicas, são desumanas. O professor tem que usar muito da criatividade, caso contrário, não obterá êxito, pois faltam recursos tecnológicos e, quando se tem, está quebrado ou o agendamento está completo. Pude presenciar *in loco*, salas sem janelas; o sol adentrando as salas; ventiladores quebrados; carteiras quebradas, entre outros. Estes são alguns fatores desencadeadores de desmotivação, tanto dos professores como dos alunos. Em meio às problemáticas passaram-se dois anos da minha permanência nesta escola, como bolsista do referido projeto.

Além da experiência com o PIBID, excelente, diga-se de passagem, pois vivenciei a prática cotidiana do professor, bem como foi relevante a contribuição para a formação acadêmica as aulas de estágio I e II, ambas foram de observações. A primeira no nono ano do Ensino Fundamental II, a segunda no segundo ano do Ensino Médio. Na ocasião presenciei o professor se desdobrando para dar uma aula. Aula esta, voltada a métodos tradicionais e os alunos apenas observando, quando não estavam dispersos. Não existiu em nenhum momento troca de conhecimento, um debate em si. Em nenhuma das aulas identifiquei objetivos para com a aula e, sim improvisos; por exemplo: iniciava-se a aula com um determinado conteúdo, quando o professor percebia que não estava sendo ouvido, automaticamente mudava o foco daquela atividade e dava início a outra. Sobre o referido educador, bem como todos que pude observar, são graduados e pós-graduados, participam de cursos de formação continuada, ou seja, está tecnicamente apto a estar em sala de aula e promover a mudança, mas não é bem assim que acontece.

E aqui surge um questionamento: O que acontece com tais professores de Nível Superior, que estão reproduzindo em sala de aula conceitos antigos? De

acordo com os meus conhecimentos, vejo esta questão como sendo contraditório o discurso de alguns professores, pois na graduação é questionado este tipo de comportamento e as falas que ouvimos são sempre de que fará diferente. Mas quando chegam à sala reproduzem as mesmas metodologias e os discursos dos que estão a mais tempo na área, se deixam influenciar facilmente, não demonstram identidade própria. São levados pelas representações sociais postas pelos outros, repetem as mesmas práticas. Não são autores e sim imitadores de técnicas fadadas ao fracasso.

Durante o período dos estágios III e IV, as aulas foram práticas, me angustiei desde o primeiro contato com os professores. O discurso inicial era de que eu ficasse a vontade com os alunos, pois a sala seria inteiramente minha. Tal expressão me causou angústia, porque em nenhum momento fui observada por eles. A experiência teria sido bem mais rica se tivessem participado das aulas, para me apontar erros e acertos. Percebi com este comportamento dos discentes, certo descaso para com a educação, não se preocuparam em nenhum momento saber quais eram as minhas referências bibliográficas que iria ser trabalhado em sala, como seria o horário das aulas e quanto aos alunos, se estavam aprendendo.

Esta prática me causou muita estranheza, mas até compreendo, pois se torna quase impossível um professor exigir de um estagiário, se não é de costume da própria prática dele traçar metas sobre os objetivos que almeja alcançar em sala.

Compreendo que educar em um país como o nosso não é tarefa fácil, muitos são os problemas. Contudo, é preciso trabalhar com o que a escola oferece, se tem o livro didático como norteador, então porque não implementá-lo com assuntos interdisciplinares para que atraia os alunos? Pois, é fato que estamos atrasados em se tratando de educação, é só parar para pensar e logo é perceptível que tudo evolui a nossa volta, menos as escolas, os muros ainda são enormes para os alunos não fugirem, não existe uma política de conscientização de que a escola é um lugar privilegiado de ascensão social e de aprendizado; as carteiras são enfileiradas e o professor ainda transmite a ideia de que somente ele é o detentor do saber. Diante destas circunstâncias, a inovação deverá partir da consciência de cada professor.

Saber trabalhar dentro da realidade dos alunos hoje, é um grande desafio, mas não é impossível. Utilizar a tecnologia a favor da aprendizagem, por meio dos aplicativos; considerar a cultura que cada um está inserido é um passo para o

avanço; os jovens precisam ser resgatados para a escola, a cada ano que passa o número de evadidos das escolas somente aumenta. E, diante desta problemática, concordo com a fala de Soares (1991, p. 63, grifo do autor), quando ressalta:

Defendo a importância de o aluno 'poder trabalhar em seu próprio ritmo', 'nas aulas ou em casa' (atividade, individualidade, liberdade); aponto a importância de desenvolver no aluno atitude de responsabilidade; indico recursos de motivação [...].

Este é o primeiro passo para os discentes se ajustarem e, poderem aprender dentro das suas limitações, sucessos e fracassos, que se explica dentro das diferenças de aptidões. Considerar o dia a dia do educando é ferramenta indispensável para trabalhar a contextualização.

Contudo, é necessário ressaltar que somente haverá sucesso escolar, quando o processo de ensino aprendizagem ocorrer na coletividade, todos que fazem parte da escola devem se engajar na luta por um ensino igualitário. E o personagem principal chama-se o professor, por ser autônomo, ter liberdade para dar aula como bem pretender. E, é neste ponto onde reside a questão norteadora deste trabalho, ou seja: o professor está preparado de fato para ser professor? Diante das observações realizadas, das aulas práticas ministradas, afirmo que o discurso de muitos professores é contraditório, quando relatam e até mesmo afirmam, que o problema vigente da educação está nos alunos que não querem nada com a escola.

Isto não é verdade, a grande parte das dificuldades que os discentes encontram está na metodologia truncada de muitos professores. O professor chega na sala de aula muitas das vezes sem saber o que veio fazer, não apresenta uma linha de pesquisa, segue modismos, é fortemente influenciado por outros professores, que está na profissão a mais tempo e carrega consigo uma bagagem de frustrações, isto é, não se realizaram na profissão e vivem pelos corredores reclamando de tudo e de todos. Tais professores, na grande maioria com muitos anos de profissão, responsabilizam os alunos e, é esta ideia que passa para os mais jovens. Estes por sua vez se deixam influenciar, não valorizam os debates, as discussões realizadas durante a formação, preferem o mais cômodo, isto é, seguir o exemplo dos demais.

Mas claro, existem professores preocupados, engajados na educação, fazem de tudo para sempre inovar, principalmente em se tratando de cursos de formação continuada. Estes profissionais são membros do grupo seletivo que fazem a diferença na trajetória escolar dos alunos, com certeza estes sabem o que querem e deixam claro o que vieram fazer na sala, não estão apenas por falta de opção ou remuneração, mas sim buscam uma transformação significativa no âmbito escolar.

Diante do exposto é importante salientar que nenhuma destas análises seriam possível sem o auxílio de textos teóricos, pois as etapas iniciais de um estágio são de estudos, é o momento de absorvermos as falas de autores que em algum momento de suas vidas discorreu sobre determinado assunto, que hoje tornou-se relevante para os estudos. Da mesma forma é para o PIBID, os primeiros passos de um bolsista é pesquisar em diferentes autores, em seguida observar a prática do docente e o comportamento do discente, para logo após atuar como um professor.

Para toda e qualquer prática em sala de aula é necessário estar embasado em textos teóricos, desenvolver uma didática à luz de alguns autores. Dentre os diversos autores estudados durante o curso, apresento um pequeno resumo dos principais autores que nortearam a prática pedagógica. O livro *Educação: Um Tesouro a Descobrir* de Delors e Eufrazio (2003), aborda didaticamente e com muita precisão os quatro pilares da educação do século XXI, mostra o trabalho de pessoas comprometidas a buscar uma educação de qualidade. Para estes autores a prática pedagógica deve ter como preocupação central desenvolver quatro aprendizagens fundamentais que são para o sujeito uma espécie de pilares do conhecimento, a saber: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser.

Também foi um contribuinte relevante para estes estudos, o autor Freire (2002) com o livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*, nesta obra enfatiza a importância de ensinar a ensinar, partindo do ser professor, faz uma reflexão sobre saberes necessários à prática educativa, fundados numa ética pedagógica e numa visão alicerçada em pesquisas.

Morin (2001) com *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, diz que para desenvolver uma boa prática educacional, precisamos ter como inspiração alguns passos importantes, dentre eles identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão.

Outro importante autor, Tardif (2002) em *Saberes Docentes e Formação Profissional*, este livro aponta uma revisão da compreensão da prática pedagógica do professor, porque constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade e seus percursos formativos e profissionais.

Dentre os inúmeros autores estudados durante o curso, os autores citados acima contribuíram com a minha formação pedagógica de maneira significativa, me fez refletir que um bom professor deve sempre buscar novos conceitos, beber da fonte de diversos estudiosos, pois o conhecimento é inesgotável. Então é perceptível que para todo e qualquer problema identificado em sala de aula, o professor ao pesquisar, terá a solução do problema ou pelo menos amenizá-lo.

Com relação ao curso de Letras, diversos foram os autores contribuintes para a atuação durante o curso e no estágio, bem como para a atuação como bolsista do PIBID. A princípio apresento Saussure (1989) com a obra *Curso de Linguística Geral*, expõe as dicotomias: língua x fala; sincronia vs diacronia; sintagma vs paradigma; significado vs significado. Privilegia a língua em oposição à linguagem, como objeto central da linguística. Falar em linguística é romper antigas barreiras, no que se refere à visão que trazemos do Ensino Médio, em que a gramática é um conjunto de prescrições sobre a língua. Este estudo surge para apreender-se sobre vários aspectos da língua, ou seja, nos faz entender a grande diversidade e suas origens.

Marcuschi (2008) apresenta na obra *Produções Textuais, Análise de Gêneros e Compreensão*, conceitos inerentes as noções de língua, texto, gênero, compreensão de sentido, bem como, situam-se na perspectiva da visão sociointeracionista da língua, ou seja, é vista como um conjunto de atividades e uma forma de ação.

O livro de Soares (2005), *Português: Uma Proposta Para o Letramento* tem como objetivo desenvolver os múltiplos letramentos dos alunos. Esta referência me foi muito útil para compreender as teorias metodológicas e orientar com relação a aprendizagem que o aluno desenvolve.

Outra contribuição teórica que obtive, foi a do grande escritor Camara Júnior (1999) com o *Manual de Expressão Oral e Escrita*, por enfatizar um trabalho extenso e didático sobre os aspectos da língua portuguesa, com vistas à eficácia na

aprendizagem, oral e escrita. Apresenta um olhar diferenciado com relação a ortografia, a redação e a correção da linguagem.

Koch (2007) autor de *O Texto e a Construção dos Sentidos*. Centra suas ideias em atividades discursivas e trata das questões gerais em relação à produção do sentido comuns as modalidades da escrita e da fala, bem como ao estudo da construção dos sentidos dos textos. A referida obra é indispensável na formação profissional do professor, por trabalhar o texto em sua complexidade.

É importante frisar que não foram apenas estas obras que serviram de base para desenvolver as metodologias e traçar as metas para atuação em sala de aula, existem inúmeras contribuições teóricas, que se bem estudadas contribuem favoravelmente na elaboração e execução das aulas. O indispensável é sempre buscar compreender o que dizem os autores no que está correlacionado ao objeto de estudo.

Assim sendo, reafirmo ainda mais a necessidade de o professor sempre inovar suas leituras, tendo em vista que o conhecimento é uma fonte inesgotável. A sociedade evolui em termos de tecnologias e junto às teorias, com base em novas pesquisas. Portanto, um professor que sabe até onde quer chegar com a educação, é um profissional comprometido e carrega consigo um aporte teórico mediador de sua prática, ao mesmo tempo em que se utiliza das representações sociais que o cerca, como ferramenta de transformação social, ou seja, filtra as influências e usa apenas no que é relevante para a educação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O ser humano não pode deixar de cometer erros, são os erros que os homens de bom senso aprendem a sabedoria para o futuro.”

(Plutarco)

Ao fim da pesquisa percebemos que novos questionamentos podem estar surgindo. E, é isto que caracteriza a dinamicidade da ciência. Indiscutivelmente nossos pensamentos não estão estagnados, bem como não somos mais os mesmos, pois fomos capazes de se construir e reconstruir durante o desenvolvimento da pesquisa.

A princípio, a primeira impressão que tivemos foi a de que a identidade profissional do professor estava enfraquecida ou se perdendo e, de que as representações sociais não eram a das melhores para um professor. Porém, após a realização deste trabalho, pudemos perceber de fato que existe sim, uma crise relacionada a identidade profissional dos professores, a mesma é desencadeada por fatores internos existentes em cada professor.

A identidade do professor é um processo que reúne as representações sociais da profissão, a revisão das tradições; a reafirmação das práticas consagradas com as novas práticas; o conflito entre a teoria e a prática; a construção de novas teorias. A reformulação da identidade profissional do professor é necessária, mas tem um tempo certo para acontecer, a mudança não é imediata.

Assim sendo, a identidade é a representação social do eu, o que influencia diretamente na sala de aula, em termos de como o professor é visto. A cobrança social cerca o docente de todos os lados, assim sendo, deixa-o descaracterizado para atender às necessidades de seus alunos e, ainda assim deve ter bases sólidas para não se perder mediante os modismos tão frequentes no âmbito escolar.

Conclui-se que, junto das contribuições que estas novas tendências têm trazido para repensar a questão da formação da identidade de professores, bem como de suas representações sociais, é necessário também estarmos conscientes

de seus limites, para não correremos o risco de julgar e de generalizar esta categoria trabalhista.



## REFERÊNCIAS

CASTRO, Onireves Monteiro de. Seminários de Problemas Atuais em Educação. In: ROMÃO, JOSÉ EUSTÁQUIO. **Saberes Necessários à Educação do Século XXI**. Joinville, 2001.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 4. Ed. Petrópolis: Ed. Vozes LTDA, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

DIAS, C. M. S. Narrativas: estratégias investigativo-formativas para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem profissional da docência. In: SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C. (Org.). **Pesquisa (auto) biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal: EDUFRN. Paulus. São Paulo, 2008.

DELORS, J. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. Rio de Janeiro, 2006.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

LANE, Silvia T. Maurer. **O Que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense. São Paulo, 2006.

LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral. **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas- SP: Mercado de Letras, 2002.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Ed., 2008.

MINAYO M. C. De S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1989.

SOARES, Magda B. **Português: Uma proposta para o letramento.** São Paulo: Moderna, 2005.

SOARES, Magda Becker. **Metamemória – Memórias:** Travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 300-308, jul/set, 1993.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** São Paulo: Vozes, 2002.